

# A metadiscursividade em entrevista televisiva e suas correlações com as estratégias argumentativas

Fábio Fernando Lima

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Universidade de São Paulo (USP)  
fabiofernandolima@uol.com.br

**Abstract.** *From a text-interactive view of language and considering part of the studies developed by the Argumentation Theory, this paper studies the correlation between metadiscursiveness and argumentative strategies in a TV interview.*

**Keywords.** *metadiscourse, argumentative strategies, self-reflexiveness.*

**Resumo.** *Este artigo examina as correlações entre metadiscursividade e as estratégias argumentativas em uma entrevista televisiva, a partir de uma ótica textual-interativa da linguagem e de parte dos estudos desenvolvidos na Teoria da Argumentação.*

**Palavras-chave.** *metadiscorso, estratégias argumentativas, auto-reflexividade.*

## 1. Considerações iniciais

Há algum tempo, especialmente a partir de Jakobson (1963), que primeiro elaborou o conceito de “função metalingüística” para se referir aos casos em que a mensagem centra-se no próprio código, muitos lingüistas passaram a se dedicar ao estudo da auto-reflexividade, concebida como uma propriedade fundamental da língua. Com o desenvolvimento desses estudos contamos hoje com uma grande diversidade terminológica, a qual reflete diferentes perspectivas teóricas a respeito da mencionada função: metalingüística, metacomunicação, metalinguagem, metaenunciação, metadiscursividade.

No entanto, ainda que sejam muitos os estudos desenvolvidos acerca desse assunto, ao dedicarmos uma leitura mais atenta à mencionada bibliografia detectamos algumas lacunas, as quais dão margem para o desenvolvimento de pesquisas certamente interessantes.

Uma dessas lacunas constitui-se na relação certamente existente entre a auto-reflexividade discursiva e a argumentação, a qual constitui o objeto de estudo central para a investigação que propomos neste artigo. Tal relação torna-se nítida quando nos deparamos com um *corpus* composto por entrevistas e debates cujas características permitem que sejam classificados como modalidades de interações polêmicas: torna-se possível detectar, nesses mesmos materiais, uma forte recorrência de procedimentos auto-reflexivos, ora incidindo sobre o enunciado do próprio locutor (*em primeiro lugar eu quero dizer o seguinte...; a minha pergunta é clara...; vamos tentar discutir alguns pontos... etc.*), ora deixando clara a referência à fala do interlocutor, por meio de termos atinentes à atividade discursiva (*o senhor está me dizendo que...; o senhor falou agora*

*há pouco que..., agora o senhor diz que...* etc.), que certamente carecem ainda de explicações maiores acerca de sua funcionalidade e papel na estrutura da argumentação.

Essa abordagem torna-se particularmente importante se considerarmos a posição geralmente difundida de acordo com a qual a argumentatividade caracteriza toda forma de ação pela linguagem. É essa posição que vem fomentando estudos diversos no quadro atual da pesquisa lingüística, especialmente a partir dos trabalhos desenvolvidos no contexto da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996 (cuja ênfase recai no estudo da chamadas “estratégias argumentativas”).

O *corpus* básico para a realização desta pesquisa constitui-se de uma entrevista dada pelo então candidato à Presidência José Serra ao programa Opinião Nacional, veiculada pela Rede Cultura no dia 5 de setembro de 2002.

## **2. A metadiscursividade como um recurso textual-interativo**

No contexto de uma perspectiva pragmática da linguagem, foi indubitavelmente a partir dos estudos apresentados por Borillo (1985) que o interesse pela auto-reflexividade discursiva ganhou dimensões maiores, por meio do desenvolvimento da noção de “metadiscurso”. De acordo com o autor, a metalinguagem é um discurso centrado sobre o código, mas o código tomado em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua enquanto sistema, quanto à sua ativação em situação de comunicação<sup>1</sup>.

Ao examinar a função metalingüística em situação de enunciação, Borillo (*op. cit.*) destaca as seguintes modalidades de intervenção do metadiscurso: a) a que faz referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto; b) a que se refere ao discurso como fato enunciativo, para explicitar algumas de suas condições, ligadas à gestão do diálogo, tendo em vista sua inteligibilidade; c) a que se refere ao discurso enquanto construção de enunciados, para explicitar seu desenvolvimento, sua estratégia e organização argumentativa.

Tal classificação assumiu posição de destaque nos recentes trabalhos desenvolvidos por Risso (1999, 2000), Jubran (1999, 2002), Risso e Jubran (1998), os quais constituem, indubitavelmente, o ponto de partida sobre o qual se assenta a pesquisa aqui proposta. Fundamentados em uma perspectiva textual-interativa, esses estudos tomam por base, de modo análogo a Borillo (*op. cit.*), uma concepção pragmática de linguagem, como “atividade verbal entre os protagonistas de um ato comunicativo, contextualizada no espaço, no tempo e no conjunto complexo de circunstâncias que movem as relações sociais entre os interlocutores” (Risso e Jubran, 1998, p.227). Dessa maneira, concebe-se que o enunciado e as condições enunciativas estão incorporados na ação verbal, o que “leva a ver os componentes enunciativos como introjetados no produto lingüístico de um ato comunicativo – o texto” (Risso e Jubran, *op. cit.*, p.228).

O metadiscurso, por inscrever o produto verbal na situação enunciativa que o instaura, estabelece-se como uma das evidências dessa integração entre enunciado e enunciação. Daí deriva a propriedade básica identificadora que as autoras atribuem à metadiscursividade: a auto-reflexividade. É ela que explica o fato de o metadiscurso assumir o “estatuto polivalente de discurso e glosa sobre o discurso” (Risso, 2000).

No caso específico da língua falada a metadiscursividade ganha uma dimensão particular, pelo fato de as contingências da produção oral promoverem uma forte manifestação dos fatores enunciativos na estruturação do texto. De acordo com Risso e Jubran (*op. cit.*), o texto falado, “fortemente ancorado no entorno espaço-temporal de

interação face a face” (p.228), é produzido de forma dinâmica e momentânea, o que favorece sensivelmente a emergência de traços da enunciação na sua superfície. Como as construções verbais são monitoradas de modo local e contínuo, esses traços são lingüisticamente materializados, ficando, portanto, acessíveis à análise.

Vale dizer, no entanto, que muito embora a classificação apresentada por Borillo e amplamente aplicada nos trabalhos de Risso e Jubran seja capaz de contemplar grande parte das ocorrências metadiscursivas, alguns aspectos não foram devidamente explorados, deixando à mostra questões significativas. A principal delas, que vem a compor o cerne deste artigo, diz respeito à relação estabelecida entre metadiscorso e organização argumentativa dos enunciados, que apesar de constituir um tipo de ocorrência metadiscursiva na classificação apresentada por Borillo (1985), ainda não foi devidamente explicada.

Será importante investigar ainda se as demais modalidades de intervenção do metadiscorso instituídas por Borillo (*op. cit.*) - a que faz referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto e a que se refere ao discurso como fato enunciativo, para explicitar algumas de suas condições, tendo em vista sua inteligibilidade - exercem também função na estrutura da argumentação, muito embora o autor não mencione essa possibilidade.

### **3. As estratégias argumentativas**

A relação estabelecida entre argumentação e linguagem é hoje tão forte no interior da lingüística que autores como Koch (1996) e Ducrot (s/d) chegam a afirmar que a atividade de argumentação coexiste à atividade de fala, de tal forma que é impossível separá-las. É nesse sentido que se considera a argumentatividade como um fator de textualidade<sup>2</sup>.

Mas, indubitavelmente, os trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) garantiram um novo impulso aos estudos sobre argumentação. Tentando aliar os principais elementos da Retórica de Aristóteles a uma visão atualizada do assunto, os autores elegeram a adesão do interlocutor como a mola-mestra do estudo da Teoria da Argumentação, de forma a definir a argumentação como “o conjunto das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes são apresentadas ao seu assentimento” (*op. cit.*, p. 4).

No Tratado da Argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op. cit.*) elencam um inventário exaustivo dessas “técnicas argumentativas”, sob forma de esquemas de argumentos. Os autores enfatizam, no entanto, o caráter arbitrário desse estudo, haja vista que, segundo eles, a argumentação se caracteriza pela combinação e superposição constante de argumentos.

Para os mestres do Tratado, as técnicas argumentativas se dividem em dois grandes grupos: os argumentos quase-lógicos e os argumentos baseados na estrutura do real. Os argumentos quase-lógicos são aqueles que se apresentam, de alguma maneira, como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos. São subdivididos entre aqueles que apelam para estruturas lógicas – contradição, identidade total ou parcial, transitividade –; e aqueles que apelam para relações matemáticas – relação da parte com o todo, do menor com o maior e relação de frequência, além da comparação<sup>3</sup>.

Os argumentos baseados na estrutura do real, por sua vez, valem-se da relação mais ou menos estreita existente eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas para estabelecer uma solidariedade entre juízos estabelecidos e outros que se procura

promover. Apesar de se classificarem conforme as estruturas do real às quais se aplicam e de poderem ser encontrados no uso comum, não se trata, conforme esclarecem os autores, de descrições objetivas do real, mas “da maneira pela qual se apresentam as opiniões a ele concernentes, podendo estas, aliás, ser tratadas, quer como fatos, quer como verdades, quer como presunções” (*op. cit.*, p.298). São subdivididos entre argumentos que se aplicam a ligações de sucessão, que unem um fenômeno a suas conseqüências ou a suas causas – argumento pragmático, da direção dentre outros – e argumentos que se aplicam a ligações de coexistência, que unem uma pessoa a seus atos, um grupo aos indivíduos que dele fazem parte e, em geral, uma essência a suas manifestações – por exemplo, o argumento de autoridade.

O real pode vir fundamentado, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op. cit.*), pelo recurso ao caso particular – quando se recorre à argumentação pelo exemplo, ilustração ou modelo – ou por meio do raciocínio por analogia. Pode ser ainda que o orador faça uso de figuras retóricas, colocadas não como ornamento, mas como argumento. Dentre as figuras, os autores citam as criadas com base no auditório: figuras da caracterização – nas quais se incluem a definição, a perífrase, a prolepse, a correção; figuras da presença – que intensificam a presença do objeto; e figuras da comunhão – que integram orador e ouvinte.

Em uma outra proposta, voltada especificamente para modalidades de interações polêmicas, Aquino (1997, p. 205-207), por meio de uma releitura das possibilidades de ocorrência das estratégias discursivas apresentadas no Tratado e em trabalhos diversos, apresenta um inventário de estratégias que fortalecem o locutor em oposição àquelas que o enfraquecem.

Dentre as estratégias que fortalecem o locutor, a autora aponta as que seguem: antecipar objeções; recordar ao interlocutor um conhecimento que este não tem ou uma ocorrência que não houve, deixando-o às vezes em dúvida; apelar à razão; refutar; formular concessão; entrar em desacordo com o ato enunciativo; atacar a imagem do interlocutor; apelar para as emoções; apelar para certas habilidades/ atitudes, como o uso da ironia (embora aja inversamente, se empregada em demasia), da repetição, da correção; promover a relação de inclusão; estabelecer relação de comparação ou de analogia; proceder à relação de causa e efeito; observar a relação de coexistência; imprimir a relação de direcionalidade; utilizar argumentos de autoridade; utilizar argumentos baseados em dados ou documentos fidedignos; formular pergunta retórica; elaborar pergunta assimilável à negação.

No que se refere às estratégias que enfraquecem o locutor, a autora reserva as seguintes possibilidades: evitar (mudando-o) ou retardar o desenvolvimento do tópico; desprezar o debate; proceder a observações generalizantes; proceder à invalidação do que foi enunciado; fazer uso da retificação; impor um acordo; utilizar dados documentados não fidedignos.

#### **4. Funções argumentativas do metadiscurso na entrevista televisiva**

O interesse em selecionar especificamente uma entrevista com um candidato à Presidência da República em plena campanha eleitoral justifica-se pelo caráter polêmico de tal interação, característica que, conforme Jubran (1999), favorece a ocorrência de procedimentos metadiscursivos, o que de fato ocorreu. A abordagem, por parte do entrevistador, de tópicos ameaçadores, resultando em respostas paralelas ou desvios de tópico, tentativas de tomada e manutenção de turno e ameaças à face do entrevistado

são constantes durante a interação, o que se deve certamente ao contexto histórico-temporal da mesma.

Como se estava em período eleitoral, o entrevistador procura expor e questionar a opinião de Serra sobre temas atuais e polêmicos, introduzir perguntas dos telespectadores sobre temas mais complexos e detectar, paralelamente, possíveis falhas na articulação do plano de governo do candidato. A José Serra, por sua vez, cumpre o papel de persuadir os telespectadores – a terceira-parte, eleitores em potencial – de que ele era o candidato melhor e mais bem preparado, o que busca fazer por meio da exposição das metas de seu plano de governo, da revelação de incongruências na atuação e nos planos de governo dos outros candidatos e da apresentação de seus feitos como Ministro da Saúde.

Faz-se importante aqui abrirmos um breve parêntese a fim de destacarmos que concebemos o texto, conforme Beaugrande (1997, p.10), como “um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais, e não apenas a seqüência de palavras que são faladas ou escritas”.

Por “ações cognitivas” entendemos as atividades mentais, que regem o conjunto de atividades lingüísticas e interacionais e que são colocadas em ação no momento em que os interlocutores processam seu texto. Dentre as diversas atividades mentais ativadas ao longo da interação, voltadas à compreensão, destacaremos, a partir do propósito geral que norteia a pesquisa aqui proposta, o papel dos *frames*, que de acordo com Aquino (*op. cit.*, 1997) dizem respeito “à representação de qualquer coisa que possa figurar como tópico ou assunto, ou referente dentro de uma atividade” (p.41). No tocante às “ações sociais”, serão aqui entendidas como estratégias interacionais socioculturalmente determinadas; no *corpus* selecionado para a elaboração desta pesquisa, o mecanismo de *face*, tanto no que se refere à preservação quanto ao ataque à face, mostra-se extremamente relevante para a análise, haja vista o caráter inerentemente polêmico da entrevista.

Tal polemicidade pode ser identificada já na primeira pergunta da entrevista, por meio da qual o entrevistador, Dirceu Brisola (DB), prontamente apresenta um tópico extremamente ameaçador, que obrigará o candidato a realizar muitas manobras argumentativas durante toda a primeira parte do programa. Aqui já se detecta a intervenção do metadiscurso na fala do entrevistador, haja vista que seu discurso glosa, na primeira parte da pergunta, sobre uma fala dada publicamente pelo entrevistado em momento anterior, por meio de um verbo *dicendi*. Na seqüência, apresenta um argumento de orientação inversa ao de Serra, a fim de demonstrar uma contradição ou incompatibilidade na posição do interlocutor perante a audiência, o que ataca a imagem pública ou face do interlocutor. Observe:

- (1) DB: Senador o senhor *justificou* apoio ao acordo do FMI...*dizendo* que ele não representava um sacrifício adicional para os brasileiros ontem a meta do superávit primário foi aumentada de 3,75 para 3,88%... o que... é um sacrifício adicional... qual a sua posição diante disso?

Uma explicação contextual se faz aqui necessária. O candidato José Serra (JS) baseou todo o seu programa de governo na premissa de que o Brasil teria, no seu governo, um grande crescimento econômico. Isso ficará nítido no desenvolvimento da entrevista, assim como nas constantes fugas desse assunto por parte do candidato, que não permite nem a cogitação da impossibilidade desse crescimento. Dirceu Brisola, por sua vez, procura questionar constantemente essa premissa, pois se Serra era o candidato

do presidente Fernando Henrique Cardoso, tendo sido, inclusive, ministro daquele governo, que não havia conseguido promover esse crescimento, por que só agora viria a promovê-lo?

No entanto, Serra, conforme se poderá perceber na resposta dada à primeira pergunta, se sai muito bem da situação, pois além de refutar o conteúdo proposicional da mesma, explica os motivos que corroboram sua posição, conseguindo, pelo menos aparentemente, convencer o entrevistador da mesma. Para a apresentação dos seus argumentos, JS faz uso do metadiscorso, aqui empregado como sinalização da estratégia de montagem textual em partes; esse uso corresponde à categoria classificada por Borillo (1985) como “a que se refere ao discurso enquanto construção de enunciados”:

(2) JS: olha Dirceu eh na verdade não há um sacrifício adicional *primeiro vamos ver o seguinte...* a meta pro ano que vem é a mesma... 3,75... independentemente da distribuição ao longo do ano... né? porque claro que no primeiro semestre...

DB: [ claro... é mais...

JS: você gasta menos no segundo semestre gasta mais etc.... *no que se refere a este ano...* eu diria pra você não implica nenhum aperto adicional porque há receitas extras... eh do ponto de vista tributário apenas não serão gastas... são receitas excepcionais daquelas do tipo “uma vez por todas”... de forma que de fato não é nenhum sacrifício adicional

DB: é...

Como se pode observar, DB enxerga o aumento da meta do superávit como um sacrifício adicional para o povo, de modo contrário a JS, que não crê nesse fato. Para a construção de seus argumentos, Serra refuta, inicialmente, o conteúdo proposicional da pergunta, e após o primeiro emprego do metadiscorso (*primeiro vamos ver o seguinte*) focaliza e refuta especificamente a posição apresentada pelo interlocutor a respeito da meta, entrando em desacordo com o conteúdo do enunciado (Aquino, *op. cit.*, p.197). Com a segunda ocorrência metadiscursiva (*no que se refere a este ano*), JS nomeia a parte central de sua resposta, justificando a ausência de sacrifício adicional por meio de uma relação de causa e efeito (sendo a existência de “receitas extras” a causa e “ausência de sacrifício” o efeito). Note que JS, além de refutar, repete essa refutação por várias vezes, criando estrategicamente uma figura de presença.

Em (3) detecta-se um outro tipo de emprego bastante interessante do metadiscorso:

(3) JS: você reduzindo mais o juros você reduz a pressão sobre o chamado superávit primário *que é o quê?* a diferença entre o que você arrecada e o que você gasta excluindo o juros.

Na ocorrência acima o procedimento metadiscursivo, que se enquadra na categoria dos que “fazem referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto” (Borillo, *op. cit.*), vem materializado em forma de uma pergunta retórica. As perguntas retóricas podem ser definidas como aquelas que o locutor formula a si mesmo, cuja função é a de conduzir apropriadamente o ouvinte em direção a sua argumentação; são consideradas por Aquino (*op. cit.*) como um tipo de estratégia argumentativa que fortalece o locutor.

Em (3) a pergunta retórica possibilita a inserção, por parte de JS, de uma definição (classificada por Perelman no interior das figuras de caracterização). No contexto em

que foi proferida, essa definição permite ao candidato demonstrar aos telespectadores seus conhecimentos sobre economia, reforçando estrategicamente a imagem de um candidato preparado para governar. Trata-se de mais um momento em que fica nítida a tentativa, por parte de JS, de impor ao público seu *frame*, o qual permeia toda a entrevista: “O Brasil só irá crescer economicamente se tiver um governo sério, sendo esse, o governo José Serra”.

É exatamente nesse sentido que podemos enquadrar os diversos usos do inciso metadiscursivo *quer dizer*, pulverizado na entrevista em questão. Traduzindo uma palavra em termos de outra ou todo um enunciado em termos de outro, JS consegue obter, por meio desses usos, o efeito descrito no parágrafo anterior:

(4) JS: (...) uma conjuntura adversa no preço de *comodities como dizem... no jargão quer dizer* de matérias-primas... produtos mais padronizados...

Ao abordar o tópico “Plano B para a geração de empregos”, central e o mais polêmico da entrevista, DB insiste em colocar em cheque o plano de JS de gerar, em seu eventual governo, oito milhões de empregos, com a prática, que de acordo com o ponto de vista do entrevistador, seria marcada por um cenário de adversidade (tal como o discurso tucano justificava a falta de geração de emprego no governo FHC). O candidato, por sua vez, não admite essa hipótese e um interlocutor não consegue, durante esse trecho da entrevista, impor ao outro seu *frame*. A interação torna-se assim mais conturbada, marcada por uma polemicidade maior. Aqui as ocorrências metadiscursivas são ainda mais frequentes e diversificadas. Observe:

(5) DB: Mas por isso que *eu estou lhe colocando esta pergunta quer dizer* existe um plano B pra hipótese de o senhor NÃO obter da economia brasileira por alguma razão não obter o crescimento econômico que se espera ou seja... existe um planejamento? *Por exemplo* eu perguntei ao professor José Graciano quando ele esteve aqui... se era possível eh diminuir a miséria a fome... num cenário... de crescimento econômico pequeno ou de estagnação econômica ele disse é possível... (quer dizer) é possível melhorar a distribuição de renda mesmo (sem ter) um cenário e o emprego também?

[  
JS: (emprego também)... claro óbvio... é o que eu fiz na saúde *eu estou te dizendo*... eh eh se você faz eh irrigamos mais 200 mil hectares de terra pra fruticultura você sabe quanto dá isso em emprego? 600 mil pessoas... ou seja você tem que ter uma política de emprego deliberada *mas veja bem*... a economia vai crescer mais rapidamente você não tenha dúvida disto... eu não vejo eh eh obstáculos barreiras eh dramas problemas nesse sentido...

Na passagem *por isso que eu estou lhe colocando esta pergunta*, observamos uma construção metadiscursiva topicalizadora, com a função de situar, pela designação da atividade discursiva, um ponto de centralização do debate em curso. Essa forma de intervenção do metadiscorso deixa à mostra a sua atuação na organização da estrutura discursiva, assim focalizada enquanto construção. Por meio dela o entrevistador retoma a pergunta central formulada antes de uma série de interrupções e desvios de tópico, vindo explicitada, no corpo de sua fala, após outro inciso metadiscursivo (*quer dizer*).

A construção metadiscursiva *por exemplo*, muito usual, aliás, na entrevista em análise, deixa à mostra o estatuto discursivo da porção textual que escopa. Na Teoria da Argumentação, a argumentação pelo exemplo é analisada como uma ligação que

fundamenta o real pelo caso particular, fornecendo “um caso eminente em que o sentido e a extensão das noções são influenciados pelos aspectos dinâmicos do seu emprego” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, *op. cit.*, p.406).

No contexto em que foi empregada no trecho acima, no entanto, essa estratégia parece falha, à medida que oferece a Serra meios de se desviar da pergunta, haja vista que, se a pergunta tivesse sido interrompida em *existe um planejamento?* provavelmente JS ver-se-ia obrigado a respondê-la. Uma fuga, nesse momento, deixaria nítido para a audiência que o governo JS, assim como o FHC, não saberia lidar com uma adversidade, causando sérios impactos a sua imagem, tão bem construída até o momento.

Estrategicamente, em sua resposta, Serra segue por analogia a posição de José Graziano citada no exemplo, mostrando que a mesmo pode ser feito com o emprego, dando fim aos questionamentos do entrevistador. Após o uso do enunciado metadiscursivo *eu estou te dizendo*, que também designa o discurso enquanto construção e que adquire aqui uma idéia de reforço, o candidato passa a narrar seus feitos como Ministro da Saúde, recordando estrategicamente ao interlocutor “um conhecimento que este não tem” (Aquino, *op. cit.*). Por meio do enunciado *mas veja bem*, JS focaliza o ponto central de sua argumentação, o qual vem sustentando desde o início da entrevista: *a economia vai crescer mais rapidamente você não tenha dúvida disto*.

Uma última construção metadiscursiva presente no *corpus* em questão, ainda não tratada devidamente neste trabalho, diz respeito aos usos classificados por Borillo (*op. cit.*) como aqueles que fazem “referência ao discurso enquanto fato enunciativo”. De acordo com Risso (1999, p.211), esses empregos dão evidências de que “são da gestão do debate, da qualidade das ligações interativas no evento em cena, de orientações argumentativas e coesivas, no desenvolvimento do assunto, tendo sempre em consideração o interlocutor”. As ocorrências metadiscursivas destacadas abaixo são ilustrativas desse caso:

(6) DB: um telespectador aqui o senhor eh o senhor Ciro Matuc... eh pergunta o seguinte ***eu vou pedir ao senhor que responda esta pergunta após o breve intervalo que nós vamos fazer*** porque ainda é sobre o assunto emprego... eh se o senhor como Ministro do Planejamento... porque não desenvolveu planos para criar empregos como esse que pretende eh

[

JS: eu desenvolvi... ***é ótima pergunta***

(...)

JS: ***uma boa pergunta***... olha eu como Ministro dei um impulso à irrigação... que marcou um salto nessa questão... né? eh:: nos investimentos feitos todos segundo fiz eh:: o Avança Brasil... foi feito na minha gestão no Ministério do Planejamento todos investimentos programados... que na época eram/ chamavam plano plurianual que eu mesmo quando constituinte introduzi a necessidade desse plano na Constituição... e desencavei o BNDES o BNDES multiplicou várias vezes o seu financiamento... inclusive com recurso do Fundo de Amparo ao Trabalhador que ***eu quero dizer pro telespectador***... que também foi de minha autoria... quando era deputado o FAT o FAT para o seguro-desemprego treinamento e qualificação por um lado e aplica o seu dinheiro via BNDES pra ter o retorno para garantir os benefícios sociais... agora eles/ ele pode perguntar mas por que então o emprego não cresceu mais?... por causa do agregado da economia... mas a política que eu fiz foi uma política de emprego...

Os incisos metadiscursivos destacados na fala do entrevistador revelam o seu papel discursivo na administração do evento interacional, determinando o momento do ato responsivo, referindo-se, portanto, ao discurso enquanto fato enunciativo. Note que essa pergunta é ameaçadora à face do entrevistado, na medida em que se baseia em uma relação de coexistência que coloca em cheque o discurso do candidato a partir de sua prática (como ministro do governo FHC).

Nas duas primeiras ocorrências destacadas na resposta dada por JS, percebemos que o locutor toma a pergunta também como um fato enunciativo, elogiando-a e se mostrando, dessa maneira, bem disposto para respondê-la, protegendo a sua face. Isso porque, certamente, Serra estava preparado para respondê-la: trata-se de um momento propício para trazer à memória da audiência conhecimentos que esta não têm, suas obras e projetos enquanto fora Ministro do Planejamento, mostrar que é um político sério, que se preocupa com os problemas sociais. Há toda uma preocupação em chamar a atenção do telespectador para esses fatos, o que se comprova quando ele aponta diretamente para a terceira-parte no meio do turno, por meio de um enunciado metadiscursivo: *eu quero dizer pro telespectador*.

Com pergunta retórica *ele pode perguntar mas por que então o emprego não cresceu mais?*, empregada na última parte no trecho em questão, Serra antecipa uma possível objeção à suas colocações, mais uma estratégia que, de acordo com Aquino (*op. cit.*), fortalece o locutor.

## 5. Considerações finais

Tomando por base a classificação das estratégias discursivas apresentadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op. cit.*) e complementadas por Aquino (*op. cit.*), pudemos constatar, com a análise dos dados, que as expressões metadiscursivas exercem sobretudo o papel de ancorar o desenvolvimento de tais estratégias, seja marcando a organização argumentativa dos enunciados e a ordem dos argumentos, seja denunciando o seu estatuto (haja vista o inciso *por exemplo*), seja na avaliação da fala do interlocutor, dentre outras funções.

Essa constatação nos permite afirmar que, na classificação apresentada por Borillo (*op. cit.*), a relação entre metadiscorso e argumentação não se restringe apenas à categoria na qual se enquadram os incisos que se referem ao discurso enquanto construção de enunciados, mas que também abrange, de maneiras variadas, as duas outras categorias elencadas pelo autor: a que faz referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto e a que se refere ao discurso como fato enunciativo. Paralelamente, ratifica a posição de acordo com a qual linguagem e argumentação possuem laços indissociáveis, o que justifica a consideração, no interior da Lingüística Textual, da argumentatividade como um fator de textualidade.

## Notas

<sup>1</sup> A distinção entre metalíngua (no sentido dado por Jakobson) e metadiscorso (no sentido dado por Borillo) explicita uma polarização entre código, abstraído de atualizações interacionais, e o código em situações reais de comunicação.

<sup>2</sup> A visão apresentada por Koch (1996) baseia-se no conceito de “Argumentação Lingüística”, elaborada por Ducrot (s/d), que se contrapõe ao conceito de

“Argumentação Retórica” desenvolvida pela vertente aristotélica e atualmente presente na versão perelmaniana. Ducrot, ao apresentar o que convencionou chamar “Argumentação Lingüística”, defende que a argumentatividade está inscrita na própria orientação argumentativa dos enunciados, que conduzem a uma determinada conclusão. É, portanto, inerente à linguagem. Embora reconheçamos as virtudes dessa abordagem e o quanto poderia colaborar para a análise das funções argumentativas do metadiscorso, não nos deteremos a ela pelos próprios limites que se impõem a este artigo, elegendo apenas a “Argumentação Retórica” para fundamentar nossas hipóteses.

<sup>3</sup> Em função dos limites aos quais está submetido este artigo, não nos deteremos na definição de cada tipo de argumento. De acordo com nossas necessidades, as ocorrências presentes no *corpus* analisado serão devidamente explicadas no item 4.

## Referências Bibliográficas

AQUINO, Z. G. O. Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas. São Paulo: 1997. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BEAUGRANDE, R. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood: Ablex, 1997.

BORILLO, A. Discours ou Metadiscours? *DRLAV Revue de linguistique* (32). Paris: Centre de Recherche de l’Université de Paris VIII, p. 91-151, 1985.

DUCROT, O. *Argumentation rhétorique et argumentation linguistique*. Paris: E.H.E.S.S., s/d (mimeo).

JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Editions de Minuit, 1963.

JUBRAN, C. C. A. S. A metadiscursividade como recurso textual-interativo em entrevista televisiva. In: BARROS, K. S. M. (org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, 1999, p. 9-19.

\_\_\_\_\_. Marcadores metadiscursivos em entrevista televisiva: funções textuais-interativas. *Estudos Lingüísticos XXXI*. São Paulo, cd-room, 2002.

KOCH, I. G. V. G. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1996.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *O tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RISSO, M. S. A propriedade auto-reflexiva do metadiscorso. In: BARROS, K. S. M. (org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, 1999, p. 203-214.

\_\_\_\_\_. A emergência da atividade discursiva no texto falado: sinalização metadiscursiva da busca da denominação. *Estudos Lingüísticos XXIX*. Assis, p. 103-111, 2000.

\_\_\_\_\_; JUBRAN, C. C. A. S. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. *DELTA*, v.14, especial, p. 227-242, 1998.